

2ª VIT
RS



ATENÇÃO
A PROGRAMAÇÃO DO ES-
PETÁCULO A QUE SE RE-
FERE ESTE TEXTO ESTÁ
SUJEITA A APROVAÇÃO
PRÉVIA DO SCOP/SR-DPF

CIRANDAS

(SUZANA KILPP)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

GRUPO GRAL - PORTOALEGRE
1 9 7 5



personagens

FELICIDADE -
DONA DE CASA -
MARIA -

ATENÇÃO
A PROGRAMAÇÃO DO ES-
PETÁCULO A QUE SE RE-
FERE ESTE TEXTO ESTÁ
SUJEITA À APROVAÇÃO
PRÉVIA DO SR. DPF

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

.....

TOCA A CAMPAINHA . UMA MULHER BEM VESTIDA ABRE A PORTA .

FELICIDADE - Bem dia, minha senhora. Sua empregada está?

DONA DE CASA - Ele está, mas está muito ocupada.

FELICIDADE - Per favor, queira dizer a ela que a Felicidade está batendo à sua porta.

D. DE CASA - Não sei se ela vai poder lhe atender. Vamos dar uma festa, hoje, aqui em casa, para o Comendador Barreiros, e ela está muito ocupada preparando tudo.

FELICIDADE - Ah, sim. Uma festa para o Comendador Barreiros . Bem, diga a sua empregada que eu posso esperar. Com licença. (VAI ENTRANDO e sentando NUMA CONFORTÁVEL POLTRONA! A DONA DE CASA, SENHORA DISTINTA, CHEIA / DE ANÉIS E COLARES, FICA MEIO ATÔNITA, SEM SABER O QUE FAZER) Vamos, que está esperando? Vá chamar a empregada!

D. DE CASA - Sim, senhora. Um momentinho só. (ERGUE A CABEÇA E SAI). Desafurada! Pensa que está falando com quem? Eu, a senhora Alfredo Amorim, tratada como uma cadela. E na minha casa. Mariiiiiaaaa!

Não sei onde estou com a cabeça.

Maria! (PAUSA. ENQUANTO TERMINA DE SAIR, FALAR COM MARIA E ... ENTRA MARIA)

MARIA - Bem dia. A senhora queria falar comigo?

FELICIDADE - Queria, sim, dona Maria. Pedia me dar uns minutinhos.

MARIA - Bem, é que a patroa não gostou muito. Sabe, tem muito serviço lá dentro. E além disso, ela não gosta que eu receba os amigos na casa dela. E a senhora, então eu nem conheço.

FELICIDADE - Não seja por isso: nós agora já nos conhecemos, não? Já sei seu nome, sei onde trabalha, sei até que está preparando uma festa. Para o Comendador Barreiros. (MARIA OUVI SEM ENTENDER!) Está vendo como / somos velhas conhecidas?



MARIA - Mas é a primeira vez que vejo a senhora.

FELICIDADE . Que também não seja por isso. Abra a porta. (MARIA NÃO SE MOVE)

FELICIDADE - VAMOS, NÃO TENHA MEDO. (MARIA ABRE A PORTA E A FELICIDADE SAI)

TOCA NOVAMENTE A CAMPAINHA E MARIA ABRE A PORTA

FELICIDADE - Bom dia, dona Maria. Há quanto tempo, ein? Parece que foi ainda há pouquinho que nos vimos. Como vai/ sua patroa? Continua chata e rabujenta? E a festa de Comendador : sai eu não sai?

MARIA, AOS POUCOS, VAI ACHANDO NATURAL O ABSURDO E RECONHECE NA FELICIDADE UMA AMIGA DE LONGA DATA, TAL VEZ UMA ANTIGA ASPIRAÇÃO

FELICIDADE - Eu, ein, dona Maria. Sempre dando duro. Não sei como é que a senhora aguenta. Esta casa enorme, sempre festas e festas. No fim um miseré de salário pra pa gar as contas. Mas, e então, como vão as coisas?

MARIA - (JÁ MAIS À VONTADE, ÍNTIMA.) Cada vez pier. Aquela / mulher é um demônio. Tá sempre no meu pé. Não arre da um segundo. Imagine que nem os meus amigos ela / quer que eu veja. Se pudesse, matava todos e manda va pro bebeléu. Sabe como é que eu faço pra falar / com o Chico? Ele arranjou um emprego de carteiro, e agora ele vem aqui todas as manhãs / ^{trazer} e correspondên - cia. É a única hora que pra trocar umas bicotinha, e isso porque a patroa ainda tá dormindo. Até nem / teu entendendo como é que a senhora entrou aqui, do na. (COMO SE DESPERTASSE EM PARTE DE UM TRANSE) / DONA... como é mesmo o seu nome?

FELICIDADE - Felicidade.

MARIA - Pois é isso aí, dona Felicidade.

FELICIDADE - Sabe, Maria... Posse lhe chamar assim? Afinal, faz tanto tempo que a gente se conhece. Não gosto de mi longas e blém-blém e rasga-seda. Posse, Maria?

MARIA - Mas, é claro, dona... (CORTE DE FELICIDADE)

FELICIDADE - Ân, ân, dona, não! (SUAVE) Felicidade.

MARIA - (SABOREANDO COM INTIMIDADE) Felicidade.

FELICIDADE - Mas, como eu ia lhe dizendo... Eu ia passando por aqui e lembrei de você. Sabe, o Jorge, meu marido, a ainda falava noutro dia : "Felicidade, você precisa visitar a Maria. Ela sempre foi tão boazinha com a gente. Passe na casa dela, mande um abraço e diga à Maria que venha passar uns dias com a gente;".

MARIA - (MARAVILHADA) Tão bom que é o seu Jorge...

FELICIDADE - E as crianças, Maria?! Perguntam por você todo o dia, vivem reclamando que você não vai lá em casa, que você esqueceu da gente. Todos sentimos muito sua falta.

MARIA - (COMOVIDA) Ricas crianças. Como está o... o... o menor zinho?

FELICIDADE - Ah, vai muito bem. Só que já está bem grandinho. Na verdade, também, não é ele: é ela. Angélica. Tão mocinha, já.

MARIA - Angélica?... Angélica?...

FELICIDADE - É a mais moça. Aurera, a mais velha, está com 23. Os tempos passam, Maria. O que você pensa? E nem parece. Parece até que foi ontem.

MARIA - (HESITANTE) É, parece que foi agerinha mesmo.

FELICIDADE - Mas, Maria, vamos ao que interessa. Sabe, a Rosa saiu lá de casa. Ah, que tristeza. Uma jóia de criatura. Maravilhosa. Mas, tão avoada, Maria, tão avoada... Você acredita que ela comia a marmelada, e pensando que nós não gostávamos? E o almoço? Às vezes, ela ficava achando que nós não íamos almoçar e saía. Simplesmente saía, a pobrezinha. Uma vez, ela ficou fora uma semana, achando que nós é que tínhamos viajado. (MARIA ACOMPANHA ATENTAMENTE E VAI SE ENVOLVENDO, CÚMPLICE) Seria tão bom se você estivesse lá em casa, Maria. Aliás, era isso mesmo que eu queria falar com você. Aliás, até foi o Jorge que se lembrou. Você já conhece ele, já sabe as manias dele. Ih, sabe da última? Outro dia o Jorge chegou em casa com uma colega de trabalho pra fazer serão. Já/ era tarde, mas sabe como é o Jorge: quando inventa/ que tem de trabalhar e ganhar mais dinheiro para pra meu costureiro, não tem quem tira isso da cabeça dele. Bem, mas como eu ia dizendo, o Jorge chegou em casa com aquela moça - muito bonita, a pobrezinha, tão educada - e se trancou no escritório pra trabalhar. Eu fui lá umas duas ou três vezes levar um cafezinho pra eles. A moça já estava tão cansada que não se aguentava de pé. A última vez que fui lá, os dois tinham adormecido no sofá. Coitadinha. O Jorge, também, não devia se exceder tanto.

MARIA - (CONSTRANGIDA) Mas, afinal, o que é que eu devo fazer?

FELICIDADE - Ah, sim. Bem, o que eu queria é que você voltasse a trabalhar para nós.

MARIA - Felicidade...



FELICIDADE - O serviço é leve, você sabe. E tem casa, comida e roupa lavada.

MARIA - Roupa lavada?...

FELICIDADE - E o Jorge pode levar você de carro, se você tiver um compromisso, num dia e outro.

MARIA - Mas...

FELICIDADE - Claro, mais quinhentos contos todo final de mês. Está bom assim?

MARIA - Mas...

FELICIDADE - Está bem : setecentos contos . Eu lhe dou setecentos contos. e está terminado. Você começa amanhã . Meu Deus, já ia esquecendo. Tenho que ir na casa da Rosa, ainda. Ela saiu tão distraída lá de casa que/ esqueceu umas coisinhas. Um anelzinho que o Jorge deu pra ela e o dinheiro da indenização. Tão avoada aquela menina.

Bem, então até amanhã. Adeuzinho, Maria. Boa festa/ pra você . Lembranças à sua patroa. Convide ela pra visitar você de vez em quando. Tchauzinho . (SAI)

MARIA - (CHAMANDO) Felicidade! Dona Felicidade! Dona! (PAUSA) É ta, miséria. De onde saiu essa mulher? Felicidade.. ..Felicidade?... (PAUSA) Mas até que setecentos contos vinham bem. Puxa, se vinham. Casa, comida e roupa lavada. Até parece que a patroa sou eu. Setecentos contos. Dava até pra comprar uma televisão . Em prestação, é claro. Mas dava. Roupa lavada...Mas que roupa? Que roupa que ia ser lavada? Se bem que/ os setecentos contos até que davam pra comprar uma / roupa de vez em quando. Puxa, vida! Meu Deus, que / merda de vida, isso sim.

Setecentos contos. Serviço leve, casa , comida, roupa lavada. Motorista particular. Particular. Motorista particular. Que nem madame. Eu, ein? Pedia até / receber meus amigos. O Chico... Ela não falou nada de Chico. Será que o Chico ia poder entrar em casa? Na minha casa. Andar comigo no meu carro. Motorista particular. O seu Jorge... Será que o seu Jorge não emprestava o carro pro Chico entregar as cartas, de manhã?

PAUSA. PRIMEIRO ABATIDA, DEPOIS CRESCENDO EM IRRITAÇÃO.

MARIA - Felicidade... E eu, aqui, ó. Eu, ein? Com essa cara, essas roupas, essa festa. Eu, suja desse jeito, com / roupa nova. Onde, Deus? Onde? E essa patroa?! Patroa. Capacho de patroa, é o que eu sou. Setecentos con

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



tas... Onde já se viu? Se sobra uma coisinha depois dos descontos, INPS, comida, cama, sabão com que lavo a minha roupa. Eu lavo a minha roupa. Eu. Motociclista... Só se for pra levar pro cemitério, depois de uma festa pro Comendador, que o serviço, de leve só tem a vontade de chorar a vida inteira. Depois que os outros comeram, depois que o cachorro / comeu, daí, sim... eu. Lá no pinzinho, eu. Felicidade... Que que tá pensando? Que é só sair de uma casa pra mudar? Olha eu aqui, ó. Desajeitada, porca, comendo arroz frio às duas horas da manhã pra que / ninguém veja. Com essa patroa o tempo todo no meu pé. Eu, ein? Patroa... (GRITANDO) Patroa! Patroa! (ATIRA AO CHÃO, COM RAIVA, ALGUNS OBJETOS QUE ESTÃO SOBRE OS MÓVEIS) Patroa!

D. DE CASA - (ENTRANDO SEM COMPREENDER) Maria, o que foi, Maria? Ouvi barulho, essa gritaria. Fale, Maria: o que aconteceu, mulher? Você está com uma cara. Parece / que viu o demônio. E essas coisas aí? (APONTA PARA O CHÃO)

MARIA - Foi ela, patroa. Foi ela. Parecia uma louca. Entrou aí e derrubou tudo. Me falou um monte de desaforo e depois ficou aí, quebrando tudo, arrebatando com as coisas, machucando, me arrebatando. Foi ela, patroa, foi ela!

D. DE CASA - (IMPACIENTE) Acalme-se, Maria. Ela já saiu. Calma. Está tudo bem. Foram só umas coisinhas. E não / quebrou nada. (JUNTANDO DO CHÃO OS OBJETOS)

MARIA - (MUITO CONTIDA) E eu, patroa, e eu?

D. DE CASA - (IMPACIENTE) Não sei de que você está falando. Parece que enlouqueceu.

MARIA - Agora eu é que sou louca, é?! Mas, me rebentam, me estrangulam, e a louca sou eu, é?

D. DE CASA - Chega, Maria! (BRUSCA E INCISIVA, PREPOTENTE) Chega Maria!

MARIA - (CRESCENDO EM TENSÃO CONTIDA) Patroa!

D. DE CASA - Contenha-se, ou eu lhe ponho pra rua!

MARIA - (HUMILDE E SUBMISSA) Patroa...

Sim, senhora. Desculpe.

D. DE CASA - Olhe, Maria, eu sei que as coisas estão difíceis. Mas não é só para você. Olhe o preço da gasolina. O Alfredo já não consegue usar gasolina verde, por causa dos preços. Mas cada um tem a sua parte do sacrifício. A sua é a sua. Ponha-se no seu lugar. Você é



uma analfabeta. Uma miserável. O que é que você sabe fazer além de cozinhar, lavar, passar, cozinhar, lavar, passar. (O TOM É MATERNAL) E afinal, aqui você tem tudo que precisa. Casa, comida, roupa lavada, proteção, segurança. Nunca lhe faltou nada. (MARIA SAI ANDANDO PE LA SALA, CANTAROLANDO. MARIA VAI FICANDO MAIS LEVE. AOS POUCOS, VÃO SE DIRIGINDO PARA O PÚBLICO. SENTAM NO MEIO DO PÚBLICO, SEPARADAS, FALANDO OU CANTANDO AO PÚBLICO)

MARIA - (TENSA, CANTA) Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar

Vamos dar a meia volta

Volta e meia vamos dar.

DONA DE CASA - (SIMULTANEAMENTE. LEVE E MATERNAL) Aqui você / tem tudo Maria. Casa, comida, roupa lavada. Nós lhe damos um bonito quartinho, com vista para o Guaíba. Você aqui está segura, protegida. Não lhe falta nada, Maria. Casa, comida e roupa lavada. (SEGUEM. AS FALAS VÃO ENFRAQUECENDO ATÉ O SILÊNCIO COMPLETO. QUANDO MARIA E A DONA DE CASA VOLTAM AO PALCO).

F I M

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025